

O trabalho com os pais – da função de resíduo à surpresa¹

Jean-Pierre Rouillon

O trabalho com os pais em um internato que acolhe, durante a semana, crianças, adolescentes, adultos psicóticos e autistas é uma questão complexa e frequentemente difícil no concreto da experiência². No *Centre thérapeutique et de recherche de Nonette*, não temos tratado esta questão de forma aprofundada, metódica, tentando extrair os modos de resposta e de tratamento. Agimos mais caso a caso, e a relação com os pais se constitui a cada vez, de modo particular. Desde então, podemos observar as maiores variações e diferenças. Encontramos pouco certos pais, senão nunca, outros estão continuamente em contato com a instituição. Essas relações se caracterizam tanto por uma certa simpatia, quanto por situações conflituais que podem se concluir pelo término do atendimento. No entanto, o que parece compor o ponto comum dessa série heteróclita é o malentendido. Longe de ser o que impede o trabalho com os pais de se realizar, é justamente o malentendido que o torna possível. O que propomos é que o malentendido é produzido pelo que é o princípio da instituição, como toda formação humana: frear o gozo³. É esta ação que está no coração de nossa relação com os pais dos sujeitos que acolhemos.

"O irreduzível de uma transmissão"

Para tentar definir o que nos oferece uma orientação nesse encontro com os pais, nós nos apoiamos em dois textos de Lacan: "Nota sobre a criança"⁴ e "Alocução sobre as

psicoses da criança”⁵. Esses dois textos vêm em contraponto com as teorias sobre a família que estavam em primeiro plano no final dos anos sessenta: a previsão da morte da família de um lado, e a família como causa de todas as alienações, de outro.

O primeiro fato que Lacan aponta é o fracasso das utopias comunitárias, ou seja, as comunidades fundadas sobre uma recusa da família e que valorizaram uma identificação horizontal, tendo lugar e colocação na identificação vertical ao princípio da instituição familiar. Não é, então, substituindo a família por outros tipos de identificação e de agrupamento que poderemos erradicar a neurose e a psicose. É pelo fato desse fracasso que aparece, então, isto em que consiste a função da família, mesmo se esta se reduz a um resíduo.

Diante de construção sem precedente do processo de segregação do fato da universalização do discurso da ciência e do discurso do capitalismo, a família apresenta uma função de resíduo, que é definida por Lacan:

A função de resíduo exercida (e, ao mesmo tempo, mantida) pela família conjugal na evolução das sociedades destaca a irredutibilidade de uma transmissão - que é de outra ordem que não a da vida segundo as satisfações das necessidades, mas é de uma constituição subjetiva, implicando a relação com um desejo que não seja anônimo⁶.

É por tal necessidade que se julgam as funções da mãe e do pai. Da mãe, na medida em que seus cuidados trazem a marca de um interesse particularizado, nem que seja por intermédio de suas próprias faltas. Do pai, na medida em que seu nome é o vetor de uma encarnação da Lei no desejo.

Na concepção elaborada por Lacan, “o sintoma da criança acha-se em condição de responder ao que existe de sintomático na estrutura familiar”⁷.

Pelo fato do ato sexual que determinou o nascimento da criança, pelo fato de seu enlaçamento com o gozo fálico, o casal parental sustenta e mantém uma articulação do gozo e do desejo. A criança se apresenta como resto dessa articulação. Ela se apresenta aí como objeto, em um primeiro tempo, como objeto caído. Mas o fato de encarnar o resto nesta triangulação entre objeto, desejo e gozo lhe oferece a possibilidade de se orientar pela relação com o desejo, enquanto ele é antes de tudo desejo do Outro. A função materna consiste, então, em produzir o intervalo entre necessidade e desejo, por meio da falta. Quanto à função paterna, ela consiste em articular o desejo e a Lei, quer dizer, ao simbólico. O problema, evidentemente, é que no encontro com os pais estes nos parecem sempre desiguais para aprender esta função, para encarnar este papel. Eles nos parecem sempre em falta.

É justamente sobre este ponto que o texto de Lacan é essencial. O que nos indica, de fato, é que essa função de resíduo da família, longe de se conjugar com o ideal da função, prepara o lugar do sintoma e que é este último que é a verdadeira resposta do sujeito no encontro com o impossível da relação sexual. Nesse encontro, o sujeito se sustenta disto que se apresenta como sintomático na estrutura familiar e é a partir disto que aparece como falta que ele pode construir sua própria resposta. A relação com os pais lhe serve aqui de ponto de ancoragem, mesmo se as funções parentais permanecem sobrando em relação a isso que elas deveriam inscrever.

O que nos indica, então, Lacan, ao falar da função de resíduo, é que o sujeito não pode tratar com o que ele lida sem passar por este ponto de enlaçamento entre simbólico, real e imaginário. O tratamento que pode operar o sujeito não pode se reduzir à substituição: assim, o romance familiar não pode bastar como tratamento do que faz aqui sinal do real.

É portanto a partir do que resta de desejo na estrutura familiar que o sujeito pode inventar o sintoma, a partir do qual ele pode encontrar referencial no encontro com o real do gozo, que este sintoma se ordena no registro da psicose, da neurose ou da perversão. A continuação do texto indica quando essa função do desejo é velada, seja no quadro do casal familiar, seja no caso em que a criança vem ocupar o lugar de objeto na fantasia da mãe.

Quais ensinamentos podemos tirar no que concerne à prática em instituição?

O primeiro é que não basta separar a criança de sua família, substituir o casal parental por educadores, para que a questão do sintoma possa ser tratada. O sintoma vem fazer signo do encontro com o real, ele é resposta do sujeito e, enquanto tal, devemos respeitar seu envelope formal. É justo necessário que ele atinja o ponto de retrocesso, a partir do qual ele pode produzir efeitos de criação⁸. Além disso, se a via da substituição não pode operar, é preciso passar pela função de resíduo que a família mantém.

O segundo é que não se pode considerar a família como uma falha em relação a sua função, a suas funções, mas sobretudo considerá-la na vertente do que ela mantém em relação ao desejo, a função de desejo, face à ascensão do discurso da ciência e do mestre moderno. Não se trata, então, de responder em termos de funções, de reparação, de gestão, mas se trata de relançar o desejo no nível dos pais, de relançar enquanto ele se sustenta da falta e da falha.

É a posição da criança como objeto, como objeto de gozo da vontade do Outro que vem fazer tampão, no lugar em que a falta deveria surgir. Podemos dizer que a função parental velou pelo fato da presença da criança como objeto, como tampão. Ela vem responder presente lá onde a

falta e a angústia vem dar forma ao encontro com o real. Este ponto nos conduz ao terceiro ensinamento.

Trata-se de operar uma separação, não de corpos, mas ao nível do significante e do objeto. É evidentemente a operação mais delicada, e se verifica, frequentemente, que é difícil realizá-la. Trata-se, de fato, de medir a cada vez o lugar que a criança vem ocupar na economia familiar e de obter que alguma coisa ceda de gozo, operando nesta economia.

O que nos parece identificável, é que o discurso operando no momento atual não possibilita muito que se opere tal cessão. O fato de considerar os pais e a criança como usuários - a confusão entre o discurso econômico, de mercado e o discurso sanitário e social - coloca em primeiro plano o mais de gozo e faz barragem à dimensão ética que deve estar presente em todo tratamento, quando ele leva em conta a dimensão de gozo. Para tanto, se opor sistematicamente e de modo muito acentuado, pode provocar conflitos que são frequentemente impossíveis de tratar. Há então lugar para interpretar este discurso operando a partir do modo em que ele sustenta o gozo.

Para barrar este discurso, parece-me que a instituição não deve se colocar sobre a vertente da resposta, da urgência, do saber do especialista. Há lugar aí, sobretudo, de testemunhar uma certa ignorância que permite fazer sua parte ao impossível, no próprio lugar do que se apresenta sobre a vertente do necessário. Assim, no tempo em que sabemos o que é o autismo e o que são as respostas educativas a trazer, é saudável devolver ao autismo sua vertente de enigma e levar em conta o impossível ao qual nos confrontamos no encontro com esses sujeitos. Podemos, aliás, ressaltar que esta atitude produz com frequência um alívio para os pais que são invadidos pelos discursos do mestre sobre o autismo.

Em seguida, parece importante dar tempo ao tempo e reintroduzir assim as dimensões do possível e do contingente lá onde reinam o necessário e o determinado.

Enfim, para restaurar a dimensão do desejo, que frequentemente se mostra com falha pelo fato da multiplicação dos discursos valorizando a demanda e a exigência, é importante encontrar os pais além ou aquém de sua função parental. Encontrá-los enquanto pessoas, ou melhor, enquanto sujeitos desde que aí consintam, é restaurar uma função da palavra como troca simbólica e permitir, assim, apreender no nível de cada membro da família, a relação entre desejo e gozo. É também uma maneira, certamente modesta, mas firme, de operar uma separação entre a criança e seus pais. Isto permite reintroduzir esta dimensão do desejo para o sujeito mesmo em sua relação ao Outro sexo, e não mais sobre a vertente em que a criança como objeto vem barrar todo confisco desta dimensão. Isto faz parte, então, do fato de extrair a criança de sua posição de objeto na fantasia. É também saindo de caminhos percorridos pelas funções parentais, dar lugar à dimensão da surpresa e permitir a cada um avaliar que antes de ser um pai, um adulto, frequentemente, ele responde a isto que Jacques Lacan pinça da infância generalizada⁹.

Vicissitudes da repetição

Estas poucas considerações a partir dos textos de Lacan não determinam uma conduta em nosso encontro com os pais. Esses textos nos oferecem, sobretudo, algumas pistas para tentar balizar este encontro, mantendo o rumo de uma ética da responsabilidade. Para ilustrar algumas destas propostas, nós propomos uma vinheta clínica em que o trabalho com o pai de um adolescente se verifica essencial.

Falarei de um jovem homem que se apresenta, sobretudo, na vertente do autismo. Recusando o contato com os outros,

ele passa a maior parte de seu tempo fora da agitação do grupo no qual é acolhido. Ele se isola em um determinado local da instituição e gira ao redor, agitando uma de suas mãos na altura de seus olhos. Ele sofreu muitas intervenções cirúrgicas no nível dos olhos e a Faculdade ficou muito pessimista sobre a amplitude do que pode ver. A cada operação, ele pode perder o olho em causa, se este for submetido a golpes. É preciso dizer que o sintoma predominante neste sujeito são momentos de raiva, de descontrole, que acabam em golpes que ele dá em seu rosto. Essas crises de automutilação praticamente desapareceram desde que ele foi recebido por um analista. No entanto, o pai deste sujeito vive na angústia constante do retorno dessas crises. Sua vida, desde a morte da mãe, é ritmada pelas visitas ao *Centre Hospitalier Universitaire*, as operações e diagnósticos sobre o que lhe resta de visão. A inquietude e a angústia são visíveis no rosto do pai, quando vem buscar seu filho e pergunta se a semana foi boa. A desgraça parece colada à sua pele. Há dois anos, a parada das crises e o espaçamento das visitas ao CHU permitiram, contudo, apaziguar um pouco a rudeza dos encontros com o que se apresenta, de uma maneira ou de outra, como um objeto mau. O destino parece desapertar suas garras.

Em uma sexta-feira à noite, ele me telefona para se queixar, porque seu filho foi mordido no braço. Ninguém lhe disse que seu filho havia sido mordido e ele se pergunta se cuidamos bem dele. No mais, ele me informa que não é a primeira vez, mas a sexta em que constata marcas no mesmo lugar. Ele não tinha querido me dizer porque ele não estava certo de que era uma mordida, mas esta vez ele não pôde mais me esconder sua cólera, que ele, aliás, deixou explodir. Eu lhe confesso minha surpresa porque eu não estava a par destes fatos e lhe proponho um encontro, me surpreendendo que ninguém tenha se dado conta desta mordida que parece efetivamente importante. A raiva que manifesto

no lugar dos educadores, uma vez passado o momento de surpresa, permite-lhe se apaziguar um pouco e eu o encontro na segunda-feira seguinte. Ele informa, então, sua preocupação e, sobretudo, o insuportável que ele sente: sua ideia fixa é pensar que todas as semanas ele encontrará a mesma marca, no mesmo lugar, que este incidente não vai parar de se repetir. Seu filho de fato não se defende, não reclama e não dá nenhum sinal quando é agredido por um outro. Presa fácil e dócil, ele se apresenta sem defesa, oferecido à vontade de gozo do Outro. Quanto a seu pai, ele se mostra impotente para proteger seu filho e me faz entender que eu não valho muito mais. Eu o asseguro, então, de que iremos vigiar seu filho e que iremos ao menos tentar saber o que aconteceu. O que ele teme, acima de tudo, é que um jovem, tendo reparado que seu filho não se defendia, se aproveite da menor falta de atenção de nossa parte para se precipitar sobre ele e o morda. Ele se pergunta, então, se ele poderá continuar a deixar seu filho conosco.

O primeiro ponto que eu ressalto é que, efetivamente, estes incidentes não foram falados e, sobretudo, escaparam da atenção dos educadores. Esses fatos ficaram na ignorância, o que indica que um gozo está em jogo, um gozo particularmente feroz. O segundo ponto é que uma maior monitorização, se ela parece necessária, não seria o que, para tirar os olhos dos educadores sobre o que está operando, pode somente nos conduzir a uma impotência maior. No fundo, trata-se justamente de ganhar tempo para ele abarcar os elementos que estão em trabalho. O que é de fato novo, é que este sujeito, que se mantém sempre afastado dos outros, seja agredido por um outro e que as marcas que ele porte como sinais de golpes sejam deslocadas da face sobre o braço. Enfim, terceiro ponto, não é possível identificar no momento o agressor potencial nem reparar os momentos de agressão.

No curso da semana que segue, diversos pontos são identificados. De início, contrariamente a seu hábito, este jovem não se isola, mas fica por longos momentos nos locais da instituição mais expostos. Em seguida, ele não para de levantar a manga de sua camisa para apresentar ao olhar o lugar de seu corpo mordido diversas vezes. Enfim, se a mordida é evitada ao longo da semana, ela tem lugar na última noite antes de seu retorno para casa. Nós prevenimos o pai imediatamente, o que não permite apaziguar sua angústia, mas nos permite, contudo, acalmar sua cólera e poder falar com ele do que aconteceu.

A semana seguinte, um controle maior permite impedir o incidente, assim como as três semanas subsequentes. Este tempo se mostra suficiente para que a vigilância diminua e que uma nova marca apareça na manhã de sexta-feira. Para tentar responder uma nova vez às preocupações do pai, nós mudamos seu filho de quarto com a finalidade de criar uma distância respeitável entre ele e seu suposto agressor. Durante os encontros com o pai, insisto no fato de que nós usamos as medidas possíveis para proteger seu filho mas não pudemos nada, tanto que seu filho não nos ajudaria se protegendo dele mesmo. Esta mudança lhe parece da ordem do impossível. Seu filho vira para ele uma vítima em potencial. Ele sente bem que todos os nossos esforços são em vão e vive na preocupação de reencontrar, a cada semana, esta marca no braço de seu filho.

A mudança de quarto nos permite ganhar de novo algumas semanas antes que surgisse uma nova agressão, depois de um tempo idêntico ao primeiro tempo de suspensão. Esta última se apresenta de modo novo: de um lado, o jovem foi encontrado no quarto de seu agressor, na manhã de sexta-feira, indicando de maneira acentuada sua participação na desgraça que esmaga seu pai; de outro lado, seu atormentador não está mais sozinho, ele se juntou à complexidade de uma jovem filha, discípula de Lara Croft,

que se precipita no andar em que dorme a vítima, justo antes do café da manhã. Ela divide com seu cúmplice um trato que não é sem importância: a afeição que suas mães têm pelos cachorros com que elas passeiam saindo com seus filhos para os passeios no fim de semana. É preciso reconhecer que estes elementos não irão muito no sentido de acalmar o jogo e não são da ordem de apaziguar nossa inquietude. Justamente antes de receber o pai para uma nova explicação, eu vou então no grupo, para falar com os educadores e tentar encontrar algumas respostas. É neste momento que percebo uma tatuagem no braço do educador, tatuagem na forma de círculo, que evoca de longe um tipo de mordida. Minha primeira reação, um pouco débil, é de lhe dizer que seria melhor que ele prestasse atenção para não oferecê-la ao olhar.

Em seguida a essa surpresa, e sem ter verdadeiramente podido medir os efeitos desta descoberta, eu recebo o pai. Por assim dizer, o início da conversa não é muito brilhante. Eu não sei mais a partir do que resolver esta situação. E, em desespero de causa, no momento em que tudo isto não apresenta mais nenhum sentido, eu me surpreendo ao lhe dizer que seu filho muda, que ele se tornou adulto e que isto que nós vivemos é um momento de crise que vem assinalar que seu filho adolescente se confronta com a questão da sexualidade. Para minha grande surpresa, o pai consente com essa explicação, mais para aproximativa, e começa efetivamente a falar da sexualidade de seu filho. Uma abertura se produz no seu discurso e a infantilização, que ele normalmente mostra, dá lugar a um discurso sobre o futuro de seu filho adulto. Esse deslocamento no discurso não é sem efeito, uma vez que, depois dessa conversa, o problema desaparece. Desde então, este sujeito não se apresenta mais com uma marca no braço, no momento em que seu pai vem procurá-lo. É preciso observar também que a saída deste tempo de crise, que se apresentava como um

impasse, é acompanhada de uma mudança radical do material que traz este jovem, fora das sessões de análise.

Do "dizer que não" à promessa

O que nos ensina esta pequena vinheta clínica? É preciso observar, de início, a característica particularmente insensata da intervenção que parece ter permitido destacar o sintoma que se apresentava sob a forma de um insuportável: o sujeito vindo a presentificar um objeto de horror para o pai. Todavia, não podemos reduzir a intervenção a este discurso um pouco surrealista. É preciso inscrever em uma seguinte, em uma sucessão de momentos. O primeiro é certamente o instante de olhar, aquele do pai sobre a marca da infâmia que seu filho carrega, esta marca que ele não ousa ver em um primeiro tempo, e que fica também velada aos olhos dos educadores. O que se indica aqui é "Eu não quero saber nada disso" que carrega a marca de um gozo ignorado. Após esse instante de ver, o que é colocado em jogo é um tempo para compreender, compreender o que se passou mas, sobretudo, entender a lógica que está operando por trás da manifestação desse sintoma. O que instala este tempo é um não-sabido que tentará enquadrar a elaboração de diversas respostas. Essas respostas, que parecem se inscrever em uma dimensão de mestria, são de fato a marca de uma determinação, aquela de um "dizer que não" ao gozo que acaba de surgir sem sentido, nem razão. Em um só depois, é este "não" que me parece determinante, neste sentido em que ele tenta fazer barragem, mesmo que de um modo um pouco teatral, ao sentimento de impotência e de fascinação que decorre da colocação em jogo do objeto. Trata-se, no fundo, de operar um despertar do desejo no próprio lugar dos embaraços e da inibição.

Este "dizer que não" não é suficiente, no entanto, para tratar o real em jogo, quer dizer, ele não permite ao sintoma se reduzir fazendo cair sua ligação com o gozo. O

que ele permite é ganhar tempo e suspender por um tempo a manifestação do sintoma. É interessante notar que dois tempos de suspensão aparecem, permitindo a cada vez mensurar a implicação do sujeito naquilo que parece lhe cair encima. O primeiro tempo, em que esta participação parece passiva, é seguido por segundo tempo em que ela se verifica ativa. Podemos dizer que se opera uma subjetivação do sintoma durante esses dois tempos.

Enfim, o último tempo que nós não nominaremos o momento de concluir, pode se entender sobre a versão do sim e da promessa. A mordida como marca da agressão de um outro, signo de um destino inelutável, a favor do encontro com a tatuagem sobre o braço de um educador, faz semblante de letra, vindo bordear e localizar o retorno do gozo no corpo. Esta marca se transforma então, em traço do encontro com o Outro e também com o Outro sexo. O que esta marca vem assinalar é que o sujeito consente a um retorno pelo outro, pelo parceiro, para tratar suas relações com o gozo. Ele não faz mais isto sozinho em seu quarto, como seu pai nos diz, mas passando pela dimensão do parceiro. É o retorno pelo outro que vem nomear a intervenção sobre a adolescência para este sujeito. Esta última não se apresenta mais como crise, mas como abertura, como elaboração de uma outra posição em relação ao gozo. A adolescência é, então, o nome desta promessa¹⁰ feita ao sujeito, promessa de uma saída de seu destino inelutável, aquele de ser vítima expiatória do outro. Ao invés de um sujeito que não sabe se defender, sujeito submetido às operações infinitas do discurso da ciência, temos agora um sujeito que faz de sua defesa contra o real o início de uma resposta. É esta dimensão da promessa que o pai aceita e retorna a sua própria conta, fazendo signo de uma atenção a seu filho, de um desejo no lugar de uma resignação.

Enfim, esta vinheta clínica nos permite entender que os momentos decisivos do encontro com os pais se apresentam

frequentemente a favor de momentos de crise, que podem talvez ser de uma violência extrema. Se a "Nota sobre a criança"¹¹ de Lacan nos indica dois modos de identificação da articulação entre o sintoma da criança e o casal familiar, o complexo e a fantasia, esta vinheta clínica permite identificar um outro modo de surgimento do sintoma. Este último não toma forma a partir da articulação significante, mas a partir do surgimento de um significante sozinho fazendo injunção de gozo. Sua ocorrência parece trancar o sujeito em uma repetição infinita, imobilizá-lo em um destino inelutável. A pulsão de morte se apresenta aí, frequentemente, sob as formas mais desnudadas. Este encontro com o gozo, que se opera graças à queda da identificação à criança - fazendo emergir o a do fato da queda do $-\phi$ -, parece se traduzir pela aplicação de um presente eterno para o psicótico. Trata-se, então, de ir contra esta eternização do tempo para reintroduzir uma abertura no lugar mesmo em que se manifesta a ruptura, a fim de deixar tempo para o sujeito elaborar uma resposta que possa fazer semblante de laço social. Podemos apreender a este ponto que o consentimento do pai, a isto que esta abertura possa se realizar, é essencial. É o que permite efetivamente a seu filho produzir uma nova resposta face ao real do gozo.

Podemos então definir brevemente isto que nos orienta em nosso encontro com os pais: que eles possam, a partir da contingência de um encontro, tomar o lugar da terceira pessoa na produção do *Witz* e fazer entrar, no código da família, o achado do sujeito, aceitando se deixar surpreender por aquilo mesmo que eles acreditam conhecer demais.

Tradução: Ana Martha Maia

¹ Artigo originalmente publicado sob o título "Le travail avec les parents", na *Revue Préliminaire*, n° 13, de 2001.

² J.-P. Rouillon é diretor do *Centre Thérapeutique et de Recherche de Nonette*.

³ LACAN, J. (2003[1967]). "Alocução sobre as psicoses da criança". In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 361.

⁴ IDEM. (2003[1969]). "Nota sobre a criança". In: *Outros Escritos*. Op. cit., pp. 369-370.

⁵ IDEM. (2003[1967]). "Alocução sobre as psicoses da criança". In: *Outros Escritos*. Op. cit., pp. 359-368.

⁶ IDEM. (2003[1969]). "Nota sobre a criança". In: *Outros Escritos*. Op. cit., p. 369.

⁷ IDEM. *Ibidem*.

⁸ IDEM. (1998[1966]). "De nossos antecedentes". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 66. "Pois a fidelidade ao invólucro formal do sintoma, que é o verdadeiro traço clínico pelo qual tomávamos gosto, levou-nos ao limite em que ele se reverte em efeitos de criação".

⁹ IDEM. (2003[1967]). "Alocução sobre as psicoses da criança". In: *Outros Escritos*. Op. cit., p. 367.

¹⁰ MILLER, J.-A. "... du nouveau!, rue Huysmans". Collection éditée par l'ECF, p. 40.

¹¹ LACAN, J. (2003[1969]). "Nota sobre a criança". In: *Outros Escritos*. Op. cit.